

MEMÓRIA

KARINE CORREIA DOS SANTOS DE OLIVEIRA, MARIA ALZIRA LEITE E
PRISCILLA CHANTAL DUARTE SILVA*

Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais - PUC Minas. Bolsista do
CNPq.

Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais - PUC Minas.

Universidade Federal de Itajubá.

P

Resumo

pretende-se mostrar neste verbete diferentes concepções do conceito de memória, contemplando, ainda, aspectos ligados a sua constituição e o seu funcionamento. Para isso, há um levantamento sucinto das principais abordagens dessa temática, partindo das vertentes filosóficas e psicológicas até a uma abordagem mais discursiva. A expectativa é de que o estudo possa colaborar na formação e prática de professores, no que diz respeito à compreensão – ou à problematização – das diferentes linhas teóricas sobre memória.

Palavras-chave: Memória. Formação. Prática de professores.

ABORDAGEM filosófica

A filosofia considerava a memória exclusivamente como um sistema de armazenagem: “um pedaço de cera” (PLATÃO, 1990), de modo que as imagens mentais aí seriam guardadas (LOCKE, 1997). Tal maneira de pensar apoiava-se no pressuposto de que existiria uma relação direta entre a memória e o cérebro. Filósofos como, por exemplo, Platão e Aristóteles defendiam que a memória corresponderia a um conjunto das impressões ao longo de um tempo, isto é, registros de sensações passadas e organizadas por um mecanismo de associação. Além disso, acreditavam que era a memória (em grego *mnemê* – em latim memória) que conferia, aos indivíduos, a faculdade de reter informações que voltariam para o espírito e reminiscência (em grego

anamnêsis – em latim *reminiscentia*), como faculdade de encontrar pelo esforço, algo já presente na consciência.

Seguindo essa perspectiva, para Wittgenstein (2003), um objeto lembrado, surge automaticamente na mente como uma imagem mental específica, que, por sua vez, passa diante dos “olhos mentais” e, quando se reconhece um objeto estranho, recupera-se a imagem mental a partir da percepção e comparação com o objeto primário. Para esse autor, o reconhecimento pela memória não é necessariamente a combinação de um objeto com uma imagem mental armazenada, mas a noção de representação no cérebro para cada objeto específico.

ABORDAGEM COGNITIVA

Cabral e Nick (1998), assumindo uma posição do campo da psicologia cognitiva, consideram a memória como a retenção de aptidões e informações recebidas por meio do processo de aprendizagem, abrangendo, assim, três operações fundamentais: decorar, recordar e reconhecer explicitamente. (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011). No entanto, há controvérsias com a teoria de Edelman (1998), cujos postulados se baseiam na memória como um mecanismo não de estocagem, mas de uma espécie de renovação neural das memórias, no sentido de que elas são reatualizadas, a cada momento. (IZQUIERDO, 2006).

Para Edelman (1998), o fenômeno da memória diz respeito à dinâmica de populações neurais, a modificações ocorridas nas populações neurais, envolvidas na categorização original, o que implica dizer que a memória consiste em um processo de categorização e recategorização de informações por meio de um processo mediado por mudanças sinápticas. Izquierdo (2006) corrobora as ideias de Edelman, ao afirmar que “as memórias nada mais seriam do que alterações estruturais de sinapses, distintas para cada memória ou tipo de memórias.” (Izquierdo, 2006, p. 47).

Para Corrêa “não existe apenas uma memória, mas várias memórias. A memória é uma função psíquica bastante complexa e dividida em setores variados” (CORRÊA, 2010, p. 570). Assim como Corrêa, Baddeley, Anderson, Eysenck (2011) e Izquierdo (2002) compartilham da mesma divisão das memórias em: memória de curta duração e de trabalho, cuja finalidade é a retenção temporária de pequenas quantidades de informação sobre breves períodos de tempo e sua importância se dá no sentido de garantir a lembrança imediata e temporária; memória semântica, cuja finalidade é armazenar conhecimento sobre o mundo. “Ela vai além do simples significado das palavras e se estende a atributos sensoriais como a cor de um limão e o sabor de uma maçã.” (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011, p. 23).

Nesse quadro, inclui-se todo o conhecimento compartilhado coletivamente. Sem a memória, não se saberia quem é a própria pessoa,

não seria possível lembrar-se de fatos e nem de conhecimentos gerais sobre como a sociedade funciona. Nesse tipo de memória, as crenças se instituem como conhecimentos coletivos e Representações Sociais – RS; memória episódica, que consiste na capacidade de relembrar eventos específicos e pessoais. Sem ela, não seria possível se lembrar de episódios ocorridos.

Do ponto de vista cognitivo, a existência de várias memórias ou tipos de memória ainda é controverso. Há autores que usam as distinções entre os tipos de memória para fins de estruturar o conhecimento sobre ela.

Em termos estruturais, Goertzel defende a ideia de que associação da memória consiste em “uma entidade y é conectada como uma outra entidade x se x é um padrão de y . Portanto, se w e x têm padrões em comum, existem muitas conexões entre w e x ” (GOERTZEL, 2010, p. 30). Para o autor, o processo de associação das memórias envolve seleção natural, em que alguma estrutura do cérebro “escolhe” o que será associado com o objeto fonte. Assim, Goertzel desconsidera o fato de o ser humano ter várias memórias, diferentemente dos autores Izquierdo e Corrêa.

De fato, é inegável que a memória não seja associativa. Porém, segundo os postulados de Goertzel, o que se considera como memória associativa é nada mais que a memória de longo termo, cujo sistema é correlacionar um objeto fonte com algo já existente na memória.

ABORDAGENS psicológica e psicanalítica

Do ponto de vista das RS, a memória episódica se assemelha às Representações de Uso – RU –, uma vez que corresponde à lembrança e a sistemas de crenças pessoais. Assim, ao se lembrar de um episódio específico, o sujeito revive algum aspecto do episódio original e é capaz de correlacionar crenças sobre esse episódio. Desse modo, as RU podem ser rememoradas a partir da associação de episódios. No entanto, não se pode descartar o fato de que a memória semântica também esteja envolvida, uma vez que, na lembrança, o sujeito é capaz de associar um objeto específico ao conhecimento de mundo. Logo, em termos associativos, o fenômeno da lembrança por meio da memória se resume em: “isso me faz lembrar algo que se parece com outro e que em tal momento pareceu ser igual”.

Na linha freudiana (1987), a lembrança ocorre por meio de *links* de semelhança; memória implícita ou não declarativa consiste na “evocação de informação da memória de longa duração por meio do desempenho em vez da lembrança ou do reconhecimento conscientes.” (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011, p. 23). Com esse tipo de memória, o sujeito é capaz de reconhecer a partir de estímulos. Assim, o sujeito se lembra de algo já armazenado a partir de uma complementação, por exemplo, adivinhar uma palavra inteira, a partir da apresentação de suas partes, ou ainda, remete a um determinado

objeto por meio de uma contextualização ou característica. Nesse sentido, dá-se o nome de não declarativa, uma vez que não se sabe de onde vem essa capacidade. E, por último, a memória de condicionamento clássico e habilidades, em que há um aprendizado, no qual um estímulo pode ser combinado com outro para gerar uma certa resposta, ou ainda, habilidades aprendidas mecanicamente e jamais esquecidas, como andar de bicicleta e dirigir. A esse fenômeno dá-se o nome de memória procedural, cujo princípio se baseia na aquisição e armazenamento de um procedimento mecânico. Nesse caso, há uma memória responsável pelo condicionamento do corpo a essas habilidades, tornando-as de certo modo automatizadas. Em geral, tendem a ser mais contempladas pela memória, por terem uma fixação relativamente superior aos demais tipos. (FREUD, 1987).

ABORDAGEM COGNITIVO-DISCURSIVA

Na perspectiva da linguística textual, Koch (2003) define a memória ativa ou operacional como uma função cognitivo-discursiva das formas nominais referenciais que remete a elementos anteriormente apresentados no texto e possibilita a (re)ativação, na memória do interlocutor, de objetos de discursos específicos. Nessa visão, a coesão textual é indissociável da memória, a qual é materializada no texto em elementos textuais como anáforas, tempos verbais e conectores.

Além de conferir à memória uma função cognitiva expressa em cadeias referenciais, é possível relacioná-la ao funcionamento dos gêneros do discurso. Para Maingueneau e Charaudeau, os “gêneros de discurso mantêm uma relação com a memória: certos enunciados são conservados, outros não, e as modalidades de sua conservação são inseparáveis de sua identidade.” (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2004, p. 326). No trecho, fica claro que a memória é constitutiva da identidade de cada gênero do discurso, o que explica as distintas formas de relação com a memória em certos gêneros, como jornais diários (mais sujeitos ao esquecimento) e a Bíblia (menos sujeita ao esquecimento).

Para Maurice Halbwachs (1990), a memória remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. Assim, na interação, constroem-se as lembranças. Mesmo quando se trabalha com rememoração há uma retomada de memórias dos diferentes grupos com os quais o indivíduo se relaciona. A maneira de perceber e compreender a realidade se constitui a partir das experiências e das vivências.

ABORDAGEM DISCURSIVA

Na visão de Pêcheux (1999), a memória “não pode ser entendida no sentido psicológico de uma memória individual, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.” (PÊCHEUX, 1999, p. 50). Assim, o autor adota a noção de “memória discursiva”, a qual possibilita que o indivíduo se apoie em distintos conhecimentos para compreender um texto quando lê. (PÊCHEUX, 1999, p. 50).

A memória revela suas características quando relacionada ao discurso, isto é, manifesta-se como associações de discursos que se cruzam, atravessam o plano semântico de sentido de modo que a lembrança ativa inter-relações discursivas. Em outros termos, sempre se mostra condizente com um conhecimento previamente compartilhado e, por isso, conhecido. (ORLANDI, 1999). A autora ainda pontua que isso é o que chamamos de memória discursiva, “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do “pré-construído”, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” (ORLANDI, 1999, p. 33).

Cabe destacar que a memória discursiva faz parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos. (MARIANI, 1996). Nessa perspectiva, pode-se associar ainda a memória discursiva a uma formação discursiva, pois é a:

memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. É ela que permite, na rede de formulações, que constitui o intradiscurso de uma formação discursiva, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a formações discursivas historicamente contíguas. Não se trata, portanto, de uma memória psicológica, mas de uma memória que supõe o enunciado inscrito na história. (BRANDÃO, 2004, p. 95).

Dessa maneira, a memória corresponde a uma espécie de “gatilho” que incide sobre práticas discursivas específicas, considerando a cultura, a história, as práticas sociais, além de aspectos cognitivos consideráveis, tais como: o comportamento e atuação da consciência e da inconsciência, relações sinápticas e formação de redes neurais no momento da construção mnemônica. Sob esse aspecto, conhecendo-se o que circula na sociedade em termos de crenças coletivas, é possível entender o funcionamento dos discursos. No que concerne a essas crenças, é necessário entendê-las como constituintes da memória discursiva, que por sua vez, dizem respeito às experiências já existentes.

A fim de refletir sobre as abordagens acima, desenvolve-se a seguir uma análise na qual se observam os efeitos de sentido com a produção da memória discursiva, materializada nos discursos.

A capa da edição 1917, de 10/08/2005, apresenta a manchete, “Lulla”, com dois “ls” em verde e amarelo.

Logo abaixo, os dizeres: “Sem ação diante do escândalo que devorou seu partido e paralisou seu governo, Lula está em uma situação que já lembra a agonia da era Collor.”



Figura 1 – Capa da revista Veja
Fonte: **Veja**, 2005

Para analisar esse texto, é necessário levar em consideração alguns aspectos que orientam a produção de sentido e a relação mnemônica, pois a linguagem e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que, em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico. (COURTINE; HAROCHE, 1994).

Primeiramente, deve-se considerar o tipo de mídia, a revista **Veja**, que segue uma determinada linha político-ideológica. Em seguida, a própria estrutura da capa desse veículo. O nome **Veja**, em destaque, conduz o leitor ao que será apresentado.

Com relação às condições de produção dessa capa, vale lembrar que, em 2005 o país presenciou inúmeras denúncias de corrupção envolvendo representantes do Governo Federal e/ou de sua base aliada.

Outro ponto que merece atenção para a produção de sentido desse texto é o ano de 1992, em que o mandato do presidente Fernando Collor acabou em *impeachment*.

Dentro dessa perspectiva, por meio dos dizeres que circulam na conjuntura social de onde se pode produzir tal materialidade, pode-se pensar na interpretação da capa associando-lhe uma “memória” de dizeres já ditos, os quais são retomados e atualizados. Deve-se considerar também que as cores destacadas no nome de *Lulla* remetem o leitor à lembrança das cores da faixa presidencial, estabelecendo o *recall* ao fato de que Lula se encontra na posição de presidente da República, em 2005 e, assim como Collor (ex-presidente da República) passa por um governo conturbado e de corrupções. Nesse contexto, pode-se dizer que houve um processo intencional, semiótico, do autor ao mencionar os nomes de ambos os políticos com duas letras “L”, direcionado o leitor para o uso da memória episódica, no sentido de fazê-lo se lembrar da era Collor, ao mesmo tempo em que se correlacionam as condições de escândalos de corrupção, no governo de ambos.

No que diz respeito à imagem, pode-se dizer que a face cabisbaixa do presidente Lula associa-se cognitivamente e de forma analógica ao item lexical “agonia” referindo-se ao texto “Sem ação diante do escândalo que devorou seu partido e paralisou seu governo, Lula está em uma situação que já lembra a agonia da era Collor.”

Semioticamente, a associação do texto não verbal (imagem) com o verbal (comentário da capa) demonstra o que Goertzel (2010) considerou como analogia mental, tal que a mente, no processo de interpretação, reconhece algo em comum em duas entidades *x* e *y*. Nesse contexto, a similitude entre Lula e Collor ultrapassa os limites do plano lexical em o autor escrever *Lulla* com duas letras “L”, como o nome do ex-presidente Fernando Collor de Mello, pois há também uma associação analógico-semântica entre as imagens mentais formadas a partir da comparação dos nomes, os dizeres do texto verbal e a memória discursiva do leitor que, por sua vez, precisa ser ativada para a interpretação desejada. Sob esse aspecto, deve-se levar em consideração que a interpretação ou a produção de efeitos de sentido situa-se no plano da totalidade, isto é, não se analisa um texto, seja verbal ou não, apenas considerando-se suas partes, tal como aponta Achard et al: “aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de significação; esta não lhe é transmitida ou entregue toda pronta” (ACHARD et al, 2010, p. 28). Ainda,

a imagem teria assim capacidade para integrar os elementos que a compõem em uma totalidade. É porque compreenderíamos o sentido global antes de reconhecer a significação dos elementos; e atingiríamos primeiro o efeito dessa integração; estaríamos sob o charme desse efeito formal, estético; toda imagem pareceria assim se apresentar como única origem dela mesma assim como de sua significação; e enfim, ela introduziria uma diferença de natureza, um salto qualitativo entre os componentes (os que a análise pode repertoriar) e a ela mesma considerada em sua totalidade. (ACHARD et al, 2010, p. 30).

Seguindo os postulados de Edelman (1998), a partir de uma análise cognitiva sobre os efeitos de sentidos do ponto de vista linguístico-discursivo, pode-se ainda confirmar a defesa do autor de que o processo mnemônico é constituído de uma reatualização da memória, isto é, uma espécie de modificação do conteúdo mnemônico. Há que se considerar um esforço cognitivo no processo da interpretação, sobretudo quando a imagem também está envolvida.

Em outras palavras, a partir do momento que memórias remotas ou de longo termo são ativadas, como processo de *recall*, para se lembrar de fatos, fenômenos, pessoas, etc., e compará-los com o contexto atual ao qual o texto se dirige semanticamente, pode-se dizer que houve uma forma de recategorização ou reatualização, pois o conteúdo mnemônico da memória de longo termo será visto de outra forma, ou seja, com outro olhar.

Da mesma forma, o processo comparativo entre as memórias de longo termo com o contexto atual do assunto tratado no texto também reatualizará a forma de ver o passado mais recente, isto é, o objeto comparado. No contexto da capa da revista *Veja*, pode-se perceber que a comparação feita com o governo de Collor obriga o leitor a reativar a sua memória discursiva sobre as características ou sistema de governo de Lulla, o que Edelman considerou como atividade cognitiva da memória a reatualização ou recategorização.

No âmbito das representações sociais em consonância com as representações mentais do processo cognitivo de interpretação, há de se considerar ainda que “a imagem representa a realidade, certamente; mas ela pode também conservar a força das relações sociais (e fará então impressão sobre o espectador)” (ACHARD *et al*, 2010, p. 27). Nessa ótica, a teoria de Edelman e Achard *et al* convergem no sentido de que se há relações sociais que influenciam o modo de interpretação do espectador; deve-se considerar também que a cada envolvimento com a realidade ou representação social desta, ocorre um processo de reatualização mnemônica do discurso, fazendo com que a mente se oriente por uma dinamização de conteúdos simbólicos significativos.

Vale ressaltar ainda que a memória semântica, conhecida como declarativa, também é ativada quando se exige do leitor o conhecimento de mundo a respeito do contexto político dos dois ex-presidentes. Essa dimensão semântica é ainda situada no próprio discurso quando se pretende ativar a memória do leitor no que concerne à posição de Collor perante os escândalos e à agonia de ambos frente as acusações de um governo cercado de fraudes.

Em termos cognitivos, pode-se dizer que o processamento da memória, durante a leitura e interpretação de um texto, por exemplo, a associação é notória pelo fato de o texto induzir a uma série de relações e entrecruzamentos de interdiscursos. Não há como negar que na própria noção de interdiscurso há relação comparativo-analógica entre discursos. Há, então, uma memória entrecortada pela linguagem e pela história (COURTINE, 1981, p. 53.) utilizada como estratégia persuasiva que remete o sujeito a possíveis interpretações, como: uma imagem de Lula comparada à de Collor; Governo Lula

envolvido em corrupção; Lula poderia, naquela época, sofrer um impeachment como Collor.

ABSTRACT

The aim of this entry is to show different conceptions of the memory concept, also contemplating aspects related to its constitution and functioning. To achieve this, a brief survey of the main approaches to this theme, from the philosophical and psychological aspects to a more discursive approach. It is expected of the study that it may assist in training and practice of teaching, in what regards the understanding - or questioning - of the different theoretical lines about memory.

Keywords: Memory. Training. Practice of teaching.

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

ACHARD, Pierre et al. Memória e produção discursiva do sentido. In.: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 11-21.

BADDELEY, Alan; ANDERSON, Michael C; EYSENCK, Michael W. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória**. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **On memory and reminiscence**. Aristotle (ca. 350 b.c.). Ross, W. D. (Ed.). As obras de Aristóteles. Oxford: Clarendon, 1930. v. 3. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=5993>. Acesso em: 27. Mai. 2011.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário técnico de psicologia**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998. 331p.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CORRÊA, Antônio Carlos de Oliveira. **Memória, aprendizagem e esquecimento: a memória através das neurociências cognitivas**. São Paulo: Atheneu, 2010.

COURTINE, J. J. El. **Concepto de formación discursiva**. In: BARONAS, R. L. **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro e João, 2007.

GOERTZEL, Ben. **Chaotic Logic: Language, thought, and reality from the perspective of complex systems science**. New York: Plenum Press, 2010. p.30-32.

EDELMAN, G. M. **Language**. In: **The remembered present: A biological theory of consciousness**. New York: Basic Books, 1989.

FERREIRA, Maria Cristina L. **Glossário de termos do discurso - projeto de pesquisa: a aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1971. Título original: *L'archéologie Du savoir*, 1969.

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p.19-59.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 245-247.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HAROCHE, Cl.; HENRY, P. ; PÊCHEUX, M. **La sémantique et la coupure saussuriense: langue, langage, discours**. **Langages**, Paris: Didier-Larousse, , n. 24. p. 93-106, 1971.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da 'Análise automática do discurso' de Michel Pêcheux. In: GADET, F.; Hak, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990. p. 13-38. Coleção repertórios.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 168p.

IZQUIERDO, Ivan; VIANNA, Monica R. M.; CAMMAROTA, Martin; IZQUIERDO, Luciana. **Mecanismos da Memória**. **Scientific American Brasil**, p. 99-104, out. 2003.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. Coleção os pensadores.

MARIANI, Bethania. Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. **Gragoatá: linguagem, língua e discurso**, Niterói, n. [?], 1996.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas : Ed. da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. **L'inquiétude du discours**. In : MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours**. Paris: Éditions des Cendres, 1990.

PLATÃO. Fédon. In: Platão. **Diálogos: Fédon - Sofista - Político**. S.l: Ediouro, s/d.

PLATÃO. **Fedro**, ou da Beleza. Lisboa: Guimarães, 1990.

REVISTA Veja. São Paulo: Globo, n. 1917, 19 ago. 2005.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Gramática filosófica**. São Paulo: Loyola, 2003. p.76-137.